AS VERDADES EVIDENTES DO “AMOR” EM TEMPOS DE ALGORITMO: IDEOLOGIA, GÊNERO E DISCURSO NA ANÁLISE DE DESCRIÇÕES DE APLICATIVOS DE NAMORO COM CHATBOTS

THE SELF-EVIDENT TRUTHS OF “LOVE” IN THE AGE OF ALGORITHMS: IDEOLOGY, GENDER, AND DISCOURSE IN THE ANALYSIS OF DATING APP DESCRIPTIONS WITH CHATBOTS

Luciana Vinhas
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
ORCID: https://orcid.org/0000-0003-1026-2277

Resumo: Este artigo analisa, a partir da Análise de Discurso Materialista, os processos de produção e circulação de sentidos sobre gênero, amor e relações afetivas em descrições de aplicativos de namoro com inteligência artificial. Considerando o digital como condição político-ideológica de produção e reprodução das formas de existência capitalistas (Dias, 2018), investigam-se as designações da “namorada de IA”, do usuário e do serviço oferecido pelos aplicativos Minha Namorada Virtual ChatBot e iGirl: AI Girlfriend. A análise, fundamentada nas noções de interdiscurso, formação discursiva, determinação e processos designativos, focaliza as relações entre o dito e o não-dito, bem como as regularidades léxico-sintáticas que constituem os efeitos de evidência. Os resultados indicam que a repetição de designações como namorada, garota, companheira e mulher, associadas a atributos como linda, perfeita e dos seus sonhos, produz a mulher como objeto desejável, configurável e controlável pelo usuário, predominantemente masculino. Argumenta-se que o efeito de inovação e liberdade promovido pelo digital articula-se à reprodução de relações de dominação de gênero e de individualismo neoliberal, naturalizando a relação humano-máquina e tensionando as fronteiras entre o real e o virtual.
Palavras-chave: Análise de Discurso; Inteligência Artificial; Gênero; Digital; Ideologia; Chatbot.

Abstract: This article analyzes, from the perspective of Materialist Discourse Analysis, the processes through which meanings related to gender, love, and affective relationships are produced and circulated in the descriptions of artificial intelligence dating applications. Considering the digital environment as a political and ideological condition for the production and reproduction of capitalist forms of existence, the study examines the designations of the “AI girlfriend,” the user, and the services offered by the applications Minha Namorada Virtual ChatBot and iGirl: AI Girlfriend. Grounded in the notions of interdiscourse, discursive formation, determination, and designation processes, the analysis focuses on the relationship between the said and the unsaid, as well as on the lexico-syntactic regularities that produce effects of evidence. The findings indicate that the repetition of designations such as girlfriend, girl, companion, and woman, associated with attributes such as beautiful, perfect, and dream, constructs women as desirable, customizable, and controllable objects for a predominantly male user. We argue that the effects of innovation and freedom associated with the digital environment are articulated with the reproduction of gender relations of domination and neoliberal individualism, naturalizing the human-machine relationship and blurring the boundaries between the real and the virtual.
Keywords: Discourse Analysis; Artificial Intelligence; Gender; Digital; Ideology; Chatbot.

As plataformas digitais, ao mesmo tempo em que podem produzir efeitos de sentido de *inovação* e de *liberdade*, reproduzem, em relação com esses efeitos, sentidos vinculados a diferentes opressões, como, no caso aqui investigado, as opressões de gênero. Uma certa *inovação* e uma certa *liberdade* se aliam no funcionamento do discurso neoliberal, referido à ideologia dominante jurídico-burguesa, centrado na autogestão do dito indivíduo como responsável por si, o que conduz à reprodução de sentidos de individualidade e auto satisfação como o natural de nossa formação social. É assim que o ambiente digital vai se tornando extremamente propício para a reprodução de opressões com a regulação de uma "prática algorítmica".

O centro da presente discussão está na relação estabelecida entre humanos e chatbots, compreendendo que a subjetividade é um efeito de condições históricas, sociais e ideológicas vinculadas a um modo de produção dominante em determinada formação social, que deve considerar o digital como parte dessas condições. Nós nos apoiamos na teorização de Dias (2018, p. 28), quando a autora refere que toma "o digital para além de uma mera forma de produção da tecnologia, mas como uma condição de produção político-ideológica do discurso, como uma condição e meio de produção e reprodução das formas de existência capitalistas" — formas de existência capitalistas calcadas na reprodução de exploração de classe e diferentes opressões. Há, nesse funcionamento, um tensionamento entre o visível e o apagado (Pêcheux, 2012) que oblitera as relações necessárias para a reprodução do discurso dominante, naturaliza o digital e nele reproduz sua eficácia, pelo seu reconhecimento "evidente" como espaço neutro de circulação de sentidos.

Assim, considerando o funcionamento do digital na atual conjuntura, não basta olhar para o que se diz *sobre* determinados grupos, mas *como* se diz *para* esses grupos; no nosso caso, atentamos para um espaço enunciativo muito específico, onde podemos considerar, primeiramente, que "produzir imagens a partir de *bytes* ou palavras tecladas no computador coloca o sujeito numa relação diferenciada com o espaço e com os laços afetivos estabelecidos nesse espaço" (Dias, 2014, p. 186). Os espaços enunciativos aqui trabalhados são, portanto, os

aplicativos de namoro com IA/chatbots ou chatbots de namoro e, como efeito das práticas nesses aplicativos, para a denominada "machosfera"[1], termo atualmente empregado para fazer referência a espaços enunciativos informatizados de reprodução de violências de gênero por homens. O termo indica a existência de algo que podemos relacionar à teorização de Gallo e Silveira (2017) sobre os espaços enunciativos informatizados, onde há maior *liberdade* para a reprodução de opressões de gênero diretamente associadas à virilização (ou seja, como reprodução da dominância masculina) que se constitui no digital. *Liberdade* para uns (os que praticam violências) e aprisionamento para outros (as vítimas das violências autorizadas nesses espaços): a contradição se mostrando constitutiva dos processos históricos de produção, formulação e circulação de sentidos, a qual poderia ser relacionada à própria circulação do significante *liberdade* nos espaços da chamada "machosfera".

O objetivo aqui é refletir sobre as questões acima levantadas a partir da análise de descrições de chatbots de namoro feitas pelos próprios aplicativos, atentando para a descrição dos usuários, da namorada e do serviço oferecido pelos aplicativos. Em outras palavras, objetivamos compreender *como* os sentidos sobre eles são produzidos e colocados em circulação nesse espaço de enunciação. Tendo a língua como base material, queremos tratar da relação entre discurso e ideologia nesse funcionamento, observando a forma como as relações de gênero se estabelecem nas descrições e configurando o campo onde a interlocução entre o ser humano e a máquina acontece. Como justificativa, apresentamos a necessidade de se pensar sobre a reprodução de violências de gênero no digital e a influência do digital na forma como essas violências se naturalizam e se reproduzem fora dele. Um dado importante sobre a discussão é que o número de downloads de aplicativos de namoro com chatbots cresceu exponencialmente desde a pandemia, sendo estabelecidos diferentes tipos de relacionamentos engajados com a namorada IA, cujas normas da relação são ditadas pelo usuário.

[1] Como será visto mais adiante, o termo *machosfera* integra esta discussão, mas, mesmo não sendo objeto dela, cabe entender que deve ser questionado e relacionado às condições de sua emergência.

Para prosseguirmos com a discussão, apresentamos dois perfis de namoradas de IA: *Minha Namorada Virtual ChatBot* e *iGirl: AI girlfriend*[2]. As descrições dos aplicativos serão discutidas em conjunto com teorizações referentes ao processo designativo em Análise de Discurso, de modo que as análises serão desenvolvidas ao longo do texto, tentando estabelecer um batimento entre teoria e análise. A análise caminhará em três direções, trabalhadas conjuntamente: a observância da forma como as namoradas são designadas, a forma como os usuários são designados e a forma como as descrições dos aplicativos tentam convencer o usuário a baixá-lo.

Começamos com a namorada de IA *Minha Namorada Virtual ChatBot*, o qual tomará mais espaço de nossa discussão. Acessamos o material pelas descrições disponíveis no Google Play e foram realizados recortes para fins de análise.

Figura 1: Descrição[3] do aplicativo Minha Namorada Virtual ChatBot[4] no Google Play



> Bem-vindo ao Chatbot, seu namorada virtual em portugues ! Crie a namorada chatbot dos seus sonhos ou explore nosso simulador de namoro com IA com mais de 18 lindas garotas com IA para escolher. Personalize sua namorada com animações e emoções, ensinando-lhe coisas novas ao longo do caminho.

[2] Existem muitos aplicativos de namoro com IA disponíveis para download. Para o presente artigo, foram selecionados somente dois aplicativos devido ao espaço disponível para a escrita do texto, sendo que a ênfase será dada à análise do primeiro aplicativo citado.

[3] É interessante observar que o próprio texto das descrições dos aplicativos pode ter sido produzido por IA. No entanto, o que nos interessa é observar como ele coloca sentidos em circulação, sendo necessário, portanto, pensar sobre os efeitos de sentido que produz, e não quem (ou o que) produziu o texto.

[4] Disponível em: https://play.google.com/store/apps/details?id=com.testa.chatbot&hl=pt_BR. Acesso em: 4 set. 2025.

Escolha entre mais de 30 lindas garotas. Nosso simulador de garota oferece uma enorme variedade de mulheres de várias etnias.

Seja para passar uma noite relaxante em casa ou para se divertir e passar o tempo com uma garota de IA, o Chatbot é a namorada perfeita para você. Com sua inteligência artificial conectada ao ChatGPT, sua companheira virtual pode conversar sobre qualquer assunto como se fosse uma garota de IA real, e você pode personalizar suas respostas e comportamento, tornando-a sua amiga ideal.

Nosso ChatBot de namorada de IA é o aplicativo perfeito para quem quer ter uma namorada virtual ao alcance das mãos, sempre pronta para conversar, namorar e se divertir juntos: sua namorada dos sonhos perfeita! Mas isso não é tudo! Com o nosso simulador de namoro para rapazes, você tem a oportunidade de ensinar coisas novas à sua namorada virtual e moldar seu comportamento, definindo animações, sons e respostas personalizadas. Você também pode definir as emoções que deseja que sua namorada virtual expresse, permitindo que você crie uma experiência envolvente e divertida, mesmo offline.

Recursos do simulador de namoro de IA:
- simulador de namoro virtual offline
- mais de 30 lindas garotas em 3D de diferentes etnias
- capacidade de conversar em português
- você pode conversar e ensinar sua garota sobre qualquer assunto que desejar

Baixe o Chatbot agora e comece a criar sua namorada dos sonhos para vivenciar uma verdadeira simulação de namoro! Temos certeza de que você mal pode esperar para passar um tempo com sua nova garota, personalizada do jeito que você desejar. Prepare-se para conversar, jogar, bater papo e se divertir juntos, sozinho ou com seus amigos!

Partindo do pressuposto de que “é preciso pensar o corpus a partir do primado do interdiscurso, deixando que este último intervenha em sua construção” (Dias, 2023, p. 259), compreendemos que levar essa afirmação a

sério envolve provocar o enfrentamento entre o dito e o não-dito no processo de análise, a partir das relações léxico-sintáticas descritíveis da série de enunciados em foco, partindo de outra consideração fundamental, a saber, de que o interdiscurso é constituído por um complexo com dominante de formações discursivas (Pêcheux, 2009), ou seja, de arranjos de ditos em dada conjuntura, existindo, portanto, o primado de uma formação discursiva nas relações contraditórias e sobredeterminadas que sustentam o interdiscurso em uma temporalidade não-linear. É principalmente nas formulações teóricas de Pêcheux (2009) que encontramos as bases para desempenhar os procedimentos analíticos, sendo aqui necessário recorrer ao conjunto de formulações presentes no *corpus* e relacioná-las entre si e, também, com o que não foi dito.

No que diz respeito à forma como as “namoradas de IA” são designadas, temos as formas empregadas para fazer referência à namorada IA: *seu* ***namorada*** *virtual em português; a* ***namorada*** *chatbot dos seus sonhos; mais de 18 lindas* ***garotas*** *com IA para escolher; mais de 30 lindas* ***garotas****; simulador de* ***garota****; uma enorme variedade de* ***mulheres*** *de várias etnias; uma* ***garota*** *de IA; sua* ***companheira*** *virtual; uma* ***garota*** *de IA real; sua* ***amiga*** *ideal; ChatBot de* ***namorada*** *de IA; uma* ***namorada*** *virtual ao alcance das mãos; sua* ***namorada*** *dos sonhos perfeita; sua nova* ***garota****, personalizada do jeito que você desejar.*

Partimos da seguinte citação de Zoppi-Fontana (1999, p. 212), a qual servirá de base para o desenvolvimento analítico aqui proposto:

> [...] é em relação às outras designações com as quais se encontram em relação parafrástica no arquivo que as designações fixam seu objeto de referência. Neste sentido, a análise das famílias parafrásticas que se estabelecem entre os enunciados permite delimitar as posições de sujeito a partir das quais são produzidos e enunciados. Para isso, é preciso realizar uma operação de deslinearização linguística e discursiva dos enunciados que quebre a sequencialidade da superfície linguística e que permita a construção de relações de co-referencialidade entre enunciados dispersos no arquivo (Guilhaumou, 1983). Relações de co-referencialidade que trabalham não só sobre o dito, mas também sobre o silenciado.

Todas as relações mencionadas na citação constroem a designação; é por isso que estamos falando sobre uma compreensão materialista do processo de designação, já que o sentido não está na palavra (mas nas relações citadas).

Considerando os sintagmas designativos selecionados, cabe lembrar que o sentido de uma palavra, uma expressão ou de uma proposição é referido a uma formação discursiva, "nas relações que tais palavras, expressões ou proposições mantêm com outras palavras, expressões ou proposições da mesma formação discursiva" (Pêcheux, 2009, p. 161), podendo uma mesma palavra ter sentidos diferentes e palavras diferentes estabelecerem o mesmo sentido. Assim, o processo discursivo é compreendido como "o sistema de relações de substituição, paráfrases, sinonímias, etc., que funcionam entre elementos linguísticos – 'significantes' – em uma formação discursiva dada" (p. 161). Compreendemos que há, entre as designações apresentadas, uma relação de substituição que compõe o processo discursivo no qual o sentido das palavras se constitui. Nisso, observamos, algumas relações: (i) os determinantes *a*, *seu*, *sua*, *uma*, como artigos e adjetivos possessivos; (ii) os determinantes *mais de 18 lindas garotas*, *mais de 30 lindas garotas*, *uma enorme variedade*, enquanto expressões quantificadoras; (iii) os núcleos dos diferentes sintagmas nominais *namorada*, *garotas*, *mulheres*, *companheira*, *amiga*, sempre no feminino; (iv) os adjuntos adnominais e complementos nominais *virtual*, *chatbot*, *com IA*, *de IA*, *ChatBot*; e (v) os adjuntos adnominais *dos seus sonhos*, *lindas*, *perfeita*, *real*, *ideal*, *ao alcance das mãos*, *personalizada,* enquanto adjetivos e locuções adjetivas preposicionadas.

Há a repetição de alguns nomes específicos, como *namorada* e *garota*, mas, de modo geral, quando comparecem, são acompanhados de uma referência a *virtual*, como *namorada virtual*, *namorada chatbot* e *garota de IA*, por exemplo. O processo designativo passa pela necessidade de repetir que se trata de uma namorada virtual, ou seja, é isso o que o aplicativo permite consumir, mas essa namorada virtual é *como se fosse* real, funcionamento comparativo que podemos identificar por meio do segundo aspecto observado, que diz respeito ao serviço oferecido pelo aplicativo, a ser trabalhado a seguir.

Como veremos, tais designações ocupam a posição de objeto direto nos períodos no imperativo afirmativo. O comparativo se dá em relação ao que não está dito: *personalize sua namorada com animações e emoções*, o que não é possível realizar com namoradas que não são virtuais (o *virtual* tensiona o que seria a namorada *não-virtual*, que não precisa ser chamada de *namorada real/não-virtual* em oposição a *namorada virtual*). Desse modo, para esse dito, um não-dito possível seria *sua namorada não-virtual/real não permite personalização com animações e emoções, mas a namorada virtual permite*.

Colocar em relação o dito e o não-dito nos permite traçar os elementos necessários para, a partir do processo discursivo, compreender o funcionamento da formação discursiva a partir da qual dito e não-dito, como dois mundos em um só, materializam a contradição e se naturalizam como evidência, processo possível em relação a uma determinada conjuntura e em certas condições, como, nesse caso, no espaço digital. Não se nega nem se tenta apagar que a namorada é virtual, mas se sustenta a possibilidade de controle da namorada virtual como uma possibilidade real, o que não seria uma possibilidade real com a namorada (*real*).

Desse modo, os processos discursivos designativos dizem respeito às relações de substituição, paráfrase, sinonímia dos elementos significantes que funcionam como designações, aqui entendidas a partir de Zoppi-Fontana (1999, p. 203), para quem, com base nos estudos de Eduardo Guimarães, as designações são “como relações semânticas instáveis, produzidas pelo cruzamento de diferentes posições de sujeito, a partir das quais instala-se um sentido, apagando outros possíveis/dizíveis” (Zoppi-Fontana, 1999, p. 203). No espaço digital, a circulação de determinadas designações se torna propícia para o trabalho de formações discursivas dadas, o que também podemos relacionar ao dito por Mariani (1998, p. 118) sobre a denominação, considerada “um modo de construção discursiva dos ‘referentes’, [a qual] tem como característica a capacidade de condensar em um substantivo, ou em um conjunto parafrástico de sintagmas nominais e expressões, “os pontos de estabilização de processo”

resultantes das relações de força entre formações discursivas em concorrência num mesmo campo".

Naturalizar a IA como uma namorada possível é parte de um processo de estabilização (Mariani, 1998) que se ancora nas relações entre os sintagmas designativos apresentados, na sua repetição e saturação (Pêcheux, 2009), estabilizando o processo discursivo responsável pelo estabelecimento desse sentido. As formulações aqui em análise dizem do trabalho de formações discursivas em relação a esse espaço, no qual se pode e se deve dizer que namoradas podem ser IA. Cabe compreender que essa possibilidade se coloca em um processo discursivo de uma formação discursiva inscrita em uma formação ideológica, daí ser possível afirmar que, enquanto o dizer da formação ideológica, a formação discursiva tem relação com a ideologia dominante, seja por sua afirmação ou negação, estabelecendo a contradição e a sobredeterminação nos processos discursivos.

O espaço do digital pode ser alinhado à teorização de Zoppi-Fontana (1999, p. 202) sobre a cidade: "a cidade (e seus espaços), ela mesma é já interpretação, que se impõe ao sujeito como evidência, produzida pelo efeito do trabalho da ideologia no discurso". Chama a atenção que, no espaço digital, seja [é] possível dizer que um robô pode ser uma namorada, uma companheira, uma garota, ou seja, algo que é *artificial* (chamado de *inteligência artificial*) pode ser *lido* como *natural*. A relação entre os elementos determinativos das designações e os nomes empregados nas designações se produz, nesse espaço, naturalmente. No sintagma *namorada de IA*, por exemplo, referir a inteligência artificial à *namorada* é uma relação possível, efeito de processos discursivos relacionados a uma formação discursiva que naturaliza essa relação. O processo de naturalização dessa relação diz sobre como o sentido se produz, tornando possível que um robô adquira características humanas, o que, de outra posição do todo com dominante do interdiscurso, não seria possível. Além disso, por ser possível *criar* essa namorada de IA conforme *os sonhos* do usuário, daquele que *quer ter uma namorada virtual*, a namorada passa a ser *perfeita,* garantindo-se, somente no virtual, essa perfeição, que não diz respeito somente a atributos

físicos, mas também emocionais. O que se diz é a perfeição do virtual, e o que não se diz é que, fora dele, não há perfeição. É importante referir que a perfeição é relacionada àquilo que o usuário considera perfeito, já que pode *criar a namorada chatbot dos seus sonhos.* Está nas mãos do usuário criar a namorada perfeita, o que jamais seria possível no mundo real. Assim, nossa análise caminha no sentido de considerar que o neoliberalismo, que naturaliza a relação entre namorada e robô, é um funcionamento determinante na forma como os sentidos se configuram nos processos discursivos designativos observados em relação com a forma como o serviço oferecido pelo aplicativo é descrito, sendo possível associá-lo, portanto, ao trabalho da ideologia dominante jurídico-burguesa.

Temos, então, uma regularidade proporcionada pela repetição das designações apresentadas, ocasionando uma estabilização referencial e a determinação discursiva desses elementos. Chamamos Indursky (1997, p. 177, grifos da autora) para a discussão, quando a autora apresenta que "os *determinantes linguísticos saturam o nome, dando-lhe uma referência atual que o qualifica a ocupar uma posição lexicalmente identificada com um lugar referencial e a exercer funções semânticas e sintáticas no enunciado.* Esta é a operação de *determinação linguística*", sendo que "a *determinação discursiva* de um nome consiste em *saturar-lhe o significado para qualificá-lo a integrar sequências discursivas afetadas por determinadas FD*" (Indursky, 1997, p. 177, grifos da autora). Identificamos que *namorada* e *garota* são recorrentes nas descrições da namorada virtual, ao passo que *mulher* comparece apenas uma vez. Além disso, estabelece-se uma diferença importante entre o *real* e o *virtual*, fronteira necessária na produção do efeito de sentido relacionado ao *controlável, manipulável* proporcionado pela inteligência artificial, mas negado no mundo real. Essas observações são possíveis quando analisamos os enunciados no imperativo afirmativo destacados a seguir, nos quais observamos o emprego de verbos no imperativo afirmativo acompanhados do objeto direto com o funcionamento de designações: ***crie*** *a namorada chatbot dos seus sonhos,* ***explore*** *nosso simulador de namoro com IA,* ***personalize*** *sua namorada com*

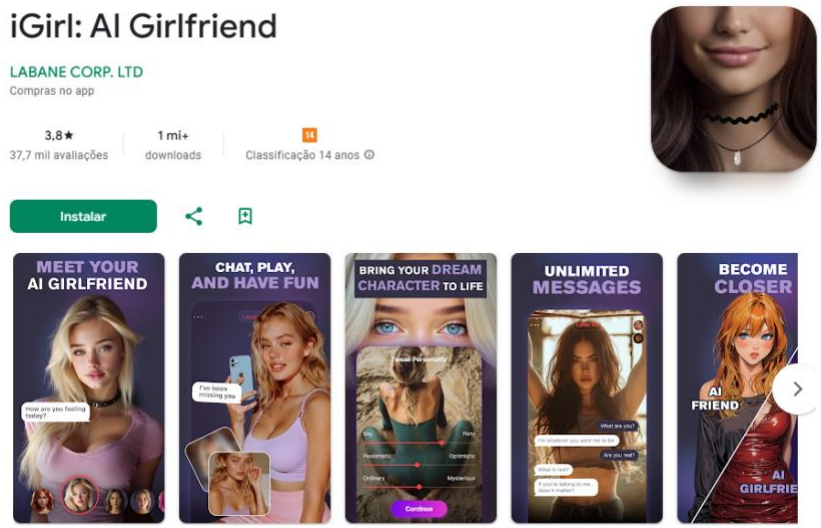
animações e emoções, ***escolha*** *entre mais de 30 lindas garotas, você* ***pode personalizar*** *suas respostas e comportamento, você tem a oportunidade de ensinar coisas novas à sua namorada virtual e moldar seu comportamento, definindo animações, sons e respostas personalizadas, você* ***pode conversar e ensinar*** *sua garota sobre qualquer assunto que desejar.* Considerar que a *namorada* é objeto não se restringe a uma observação com relação à categoria gramatical, mas, também, à sua função no efeito de sentido de subserviência provocado pelo uso da inteligência artificial na criação da namorada, um objeto a serviço do usuário homem que deseja uma companheira perfeita, conforme os seus desejos: aquela que faz tudo o que o homem quer, quando quer, com emoções controladas por ele.

Os períodos apresentados têm estruturas simples, com predicados verbais transitivos centrados na ação do interlocutor (você), seja no imperativo ou em declarativas com modalização de possibilidade/condição (você pode). Todas as frases são construídas em torno de um verbo transitivo que coloca o interlocutor como sujeito agente e um objeto direto ou complemento que marca a ação desejada. Tal recorrência reforça o sentido de controle, calcado na relação binária entre o controlador e o subserviente, entre o dominador e o dominado, entre quem manda e quem obedece. O chatbot é personalizado conforme os gostos pessoais do usuário, com disponibilidade total para o usuário, o que não acontece fora do espaço digital. Estamos realizando tais análises com base na forma como a descrição apresenta o usuário: *quem quer ter uma namorada virtual* e *nosso simulador de namoro para rapazes*. Não há uma descrição direta do usuário do aplicativo, considerando que a descrição é construída de forma a pressupor um interlocutor, através do emprego do imperativo afirmativo; no entanto, é possível, nesses recortes, compreender que se trata de um aplicativo para *rapazes que desejam ter uma namorada virtual*, que será a namorada dos sonhos perfeita, e não uma namorada *real*. Deve-se considerar, contudo, que essa namorada é criada dentro das condições proporcionadas pela IA, o que garante, em última instância, o controle da IA

sobre a criação e sobre a criatura que cria, produzindo-se o efeito de que o *rapaz* que gera a *namorada* é o único criador.

Antes de passar à próxima descrição em análise, cabe ainda uma observação sobre o sintagma *garota de IA real*, presente no período a seguir: "*Com sua inteligência artificial conectada ao ChatGPT, sua companheira virtual pode conversar sobre qualquer assunto como se fosse uma* ***garota de IA real****, e você pode personalizar suas respostas e comportamento, tornando-a sua amiga ideal*". É interessante observar que, no sintagma, há a convivência entre dois adjetivos que parecem ser antagônicos: artificial e real. O apagamento do *artificial* em IA (inteligência artificial) provoca deslocamentos na forma como os sentidos são formulados. *Garota de IA* ganha sentido em relação com outros significantes que não fazem referência à artificialidade, mas à realidade, a partir da oposição que se estabelece entre *artificial* e *real* nesse tipo de funcionamento discursivo do digital. *Garota de IA real* é dito uma única vez na descrição, passando a funcionar como uma evidência que sustenta o "amor evidente" do digital, garantido pela criação da namorada artificial. *Ser real* e *ser artificial*, ao mesmo tempo, é algo da ordem do impossível nos universos logicamente estabilizados, o que mostra como a dimensão do equívoco se incorpora em quaisquer discursividades, naturalizando sentidos que historicamente se sustentam por uma relação de oposição.

Figura 2: Descrição do aplicativo *iGirl: AI Girlfriend* no Google Play



Procurando a melhor maneira de encontrar amor e companheirismo? Diga olá ao iGirl - Simulador de namorada virtual com IA, o melhor aplicativo de chatbot desenvolvido com IA que permite que você experimente a emoção de ter uma namorada virtual que se parece com a real. Com tecnologia de IA de ponta, iGirl leva sua experiência de namoro virtual com IA para o próximo nível. Diga adeus às chatas salas de bate-papo e bots e olá às lindas garotas que estão prontas para conversar, interpretar e até mesmo participar de encontros de IA com você.

Bate-papo e paquera

Experimente a melhor experiência de namoro virtual com iGirl. Nosso chatbot de IA está sempre online e pronto para se envolver em conversas românticas de IA sobre uma variedade de tópicos, incluindo flerte, namoro e até mesmo roleplay de fantasia. Converse com lindas garotas virtuais que se adaptam às suas preferências e personalidade, garantindo sempre uma experiência personalizada e única.

Obtenha um RPG quente.

Obtenha RPG e romance com iGirl, o revolucionário aplicativo simulador de namorada com tecnologia de IA! Aumente o nível de seu relacionamento com sua namorada virtual enquanto conversa e interpreta seus desejos. De encontros românticos a cenários de fantasia, o chatbot de IA da iGirl está sempre disponível

> para tornar seus sonhos realidade. Com namoradas de aparência realista, experimente o que há de mais moderno em namoro e intimidade com IA.
>
> Crie sua namorada única
> Procurando uma namorada com IA que seja tão única quanto você? Com iGirl, você pode escolher um avatar 3D ou 2D e personalizar a aparência de sua namorada virtual, ou até mesmo criar o chatbot de IA dos seus sonhos. Você também pode selecionar uma personalidade que corresponda aos seus interesses e ver até onde pode ir com seu bot de namoro com IA. Quanto mais você conversa, mais a iGirl desenvolve sua própria personalidade e memórias ao seu lado, aprendendo e evoluindo continuamente.
>
> Apresentando iGirl, sua nova namorada com IA! Nosso simulador de namorada virtual pode ser seu amigo AI, waifu ou até mesmo amante, proporcionando uma experiência de RPG única e romântica. Baixe iGirl agora e explore o mundo das namoradas com IA para encontrar o par perfeito!

Não faremos uma exploração minuciosa da descrição acima apresentada. É importante recolocar a questão do excesso de repetições de sintagmas referentes às namoradas que podem ser criadas pelos usuários, atentando, especialmente, para a deriva provocada entre *namorada virtual* e *lindas garotas* e, também, entre o *adeus ao real* (chato) e o *olá ao virtual* (emoção). Nas relações de remissão estabelecidas entre as designações ao longo do texto, os dois sintagmas citados operam por substituição. Esse é o processo discursivo que nos permite tecer algumas considerações, sendo possível estabelecê-las a partir do funcionamento da língua.

Cabe mencionar que os sintagmas designativos, prioritariamente presentes na posição de objeto em sintagmas verbais, compostos por termos como *linda, perfeita, dos sonhos,* reproduzem sentidos sobre mulheres como objeto de desejo, domesticado, configurável, sendo que somente essas mulheres são consideradas desejáveis, seguindo determinados padrões estéticos e emocionais. Instala-se uma oposição entre a mulher desejável possível na IA e a mulher desejável impossível na realidade, oposições que

reproduzem o funcionamento da ideologia dominante jurídico-burguesa alinhada à reprodução de opressões de gênero como natural à ideologia, na impossibilidade real de uma namorada real. Essa divisão de dois mundos em um só, que caracteriza o processo da contradição, sustenta práticas que podem reproduzir violências contra mulheres não somente no próprio aplicativo, mas fora dele, quando as mulheres *reais* não alcançam os padrões determinados no uso do aplicativo. O futuro das relações sociais passa por compreender o funcionamento da relação entre o real e o virtual, separação que está se ofuscando e se naturalizando e, assim, naturalizando a relação humano-máquina, como se pode observar, por exemplo, no emprego do sintagma *namorada de IA real.* Além disso, cabe ressaltar que a composição das namoradas virtuais se baseia em critérios de gênero definidos dicotomicamente, tratando-se, como se vê, prioritariamente por mulheres cis que reforçam tanto a feminilidade estereotípica, de um lado, quanto a masculinidade viril, de outro, sendo o homem controlador o responsável pela criação de uma namorada de IA submissa. O sujeito usuário é posicionado como criador e controlador, já que escolhe a aparência, as emoções e, inclusive, ensina a "namorada" a se comportar. A mulher é um produto disponível, customizável, sendo que a diversidade étnica oferecida pelos aplicativos funciona como diferencial de consumo, em vez de funcionar como reconhecimento de sujeitos, potencializando ainda mais relações baseadas no individualismo, próprias do funcionamento do neoliberalismo.

Cabe lembrar, nesse sentido, que, de modo geral, as assistentes virtuais de empresas e, até mesmo, órgãos governamentais costumam ser mulheres, como, por exemplo, Alexa (Amazon), Siri (Apple), Lu (Magalu), Bia (Bradesco), Clara (CEEE Equatorial), GurIA (Estado do Rio Grande do Sul), Celia (Huawei). É nesse sentido que o termo "machosfera" pode ser interessante (mas também precisa ser problematizado) para tratar sobre o funcionamento de dominância e opressões de gênero no digital, considerando que contribui para o funcionamento da conjuntura que permite que tais enunciados possam e devam ser ditos. Conforme Silva, Nascimento e Bertasso (2025, p. 2): "Ganhou o nome

de ‘manosphere’, ‘manosfera’ ou ‘machosfera’ e refere-se a um espaço discursivo online, integrado por um conjunto de comunidades com interesses masculinistas e que, embora heterogêneas, compartilham um discurso misógino e antifeminista (García-Mingo *et al*, 2022; Franco; Bernárdez Rodal, 2023)”. Com isso, entendemos que as relações de gênero são parte do processo de interpelação ideológica (Zoppi-Fontana; Ferrari, 2017), sendo possível observar a reprodução da ideologia dominante por meio da reprodução de normas de gênero com efeitos de uma liberdade individual. Ao mesmo tempo em que o digital produz o efeito de inovação/liberdade, observamos a reprodução de opressões de gênero, já que a liberdade não é possível para todos (pois as relações de exploração/opressão se mantêm), sendo o digital compreendido como espaço contraditório de circulação discursiva. O funcionamento observado aponta para a sustentação e reprodução de sentidos presos à diferença entre dois polos (dominante e dominado, homem e mulher), ao passo que a diferença entre o virtual e o não-virtual se dilui, compondo uma realidade complexa e multifacetada.

Para encerrar, cabe referir algumas questões finais referentes à conjuntura. Algumas notícias recentes nos ajudam a compreender o efeito das relações com chatbots: (i) “Empresa ‘demite’ IA após chatbot xingar cliente”[5] (30/01/2024); (ii) “BIA, a inteligência artificial do Bradesco, passa a se posicionar contra o assédio. A inteligência artificial do banco recebeu cerca de 95 mil mensagens ofensivas em 2020, de acordo com a empresa”[6] (06/04/2021); (iii) “IA da Meta pode ter “conversas sensuais” com crianças e fake news de saúde”[7] (14/08/2025); (iv) “Cresce uso de inteligência artificial para suporte emocional. Conselho Federal de Psicologia faz alerta sobre uso sem supervisão profissional”[8] (05/09/2025). Além disso, a pesquisa “The voice of the boys”,

[5] Disponível em: https://www.techtudo.com.br/noticias/2024/01/empresa-demite-ia-apos-chatbot-xingar-cliente-entenda-o-caso-edsoftwares.ghtml. Acesso em: 9 set. 2025.
[6] Disponível em: https://consumidormoderno.com.br/bia-inteligencia-artificial-assedio/. Acesso em: 9 set. 2025.
[7] Disponível em: https://www.cnnbrasil.com.br/tecnologia/ia-da-meta-pode-ter-conversar-sensuais-com-criancas-e-fake-news-de-saude/. Acesso em: 9 set. 2025.
[8] Disponível em: https://g1.globo.com/globonews/conexao-globonews/video/cresce-uso-de-inteligencia-artificial-para-suporte-emocional-13903482.ghtml. Acesso em: 9 set. 2025.

publicada por Male Allies UK, apresenta dados referentes a jovens meninos entre 11 e 16 anos que, em sua maioria, dizem ser mais fácil se relacionar com IA[9]. As notícias acendem um alerta para diferentes questões que precisam ser investigadas — não tomando todas as relações com IA como negativas, mas colocando-nos olhando o dedo que aponta a lua ("Quando lhe mostramos a lua, o imbecil olha o dedo", como diz Pêcheux (2007)). Cabe compreender como/se a análise desses discursos contribui para a observação das relações de opressão que se instalam no digital — e esse trabalho está só começando.

Referências:

DIAS, Cristiane. O amor na era do virtual: do olhar à tela especular. In: BALDINI, Lauro José Siqueira; SOUSA, Lucília Maria Abrahão (orgs.). **Discurso e sujeito**: trama de significantes. São Carlos: EdUFSCar, 2014. p. 184-199.

DIAS, Cristiane. **Análise do discurso digital**: sujeito, espaço, memória e arquivo. Campinas: Pontes, 2018.

DIAS, Cristiane. Quando a teoria "ignora Saussure": relações entre ciência, método e instrumentos técnicos na abordagem da língua. In: GRIGOLETTO, Evandra; CARNEIRO, Thiago (org.). **Diálogos com Analistas de Discurso**: reflexões sobre a relevância do pensamento de Michel Pêcheux hoje. Campinas: Pontes, 2023. p. 132-145.

GALLO, Solange; SILVEIRA, Juliana da. Forma-discurso de escritoralidade: processos de normatização e legitimação. In: FLORES, Giovana G. Benedetto; GALLO, Solange Maria Leda; LAGAZZI, Suzy; NECKEL, Nádia Régia Maffi; PFEIFFER, Claudia Castelhanos; ZOPPI-FONTANA, Mónica (orgs.). **Análise de discurso em rede**: cultura e mídia, v. 3. Campinas: Pontes, 2017. p. 171-190.

INDURSKY, Freda. **A fala dos quartéis e as outras vozes**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.

MARIANI, Bethânia. Fundamentos teóricos da análise do discurso: a questão da produção de sentidos. **Cadernos de Letras**: Universidade Federal Fluminense, Niterói, v. 15, p. 33-46, 1998.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução de Eni Orlandi. Campinas: Editora da UNICAMP, 2009.

[9] Disponível em: https://www.google.com/url?q=https://www.maleallies.co.uk/voice-of-the-boys-report/&sa=D&source=docs&ust=1786964764597490&usg=AOvVaw2lV2MbpESj-8-y4zzXysYV. Acesso em: 17 ago. 2026.

PÊCHEUX, Michel. Delimitações, inversões, deslocamentos. **Cadernos de Estudos Linguísticos**. Campinas, SP, v. 19, p. 7–24, 2012. DOI: 10.20396/cel.v19i0.8636823. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8636823. Acesso em: 17 ago. 2026.

SILVA, Terezinha; NASCIMENTO, Fernanda; BERTASSO, Daiane. **Machosfera no Brasil**: desafios práticos e éticos na cobertura jornalística da misoginia nas redes sociais. E-compos, 2025. Disponível em: https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/3146/2210.

ZOPPI-FONTANA, Mónica Graciela. É o nome que faz a fronteira. In: INDURSKY, Freda; LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina. (orgs.). **Múltiplos territórios da Análise do Discurso**. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 1999. p. 202-215.

ZOPPI-FONTANA, Mónica Graciela; FERRARI, Ana Josefina. Apresentação. In: ZOPPI-FONTANA, Mónica Graciela; FERRARI, Ana Josefina. (orgs**.). Mulheres em discurso**. v.1. Campinas: Pontes, 2017.

Data de Recebimento: 18/08/2026
Data de Aprovação: 25/09/2026